



O DICIONÁRIO ANALÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA DE CARLOS SPITZER

Movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjugação, de dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é o discurso, isto é o ritual da palavra. (ORLANDI, 1999, p. 10)

Paulo César Tafarello¹
UNEMAT/FAPEMAT/NEAD-Aia

Introdução

Atualmente vem surgindo diversos estudos acerca dos dicionários, tomados como instrumentos de gramaticalização. Se tomarmos apenas a civilização ocidental temos desde os *lexicons* gregos, utilizados para catalogar palavras da língua até os mais modernos dicionários, em suas variedades – dicionários de língua, dicionários específicos de alguma área do conhecimento, etc - tanto impressos, quanto digitais. Mas de qualquer forma, diversas sociedades há muito tem reservado um espaço onde as palavras possam ser “guardadas”, provocando um efeito de sentidos no qual os sentidos estabelecidos para estas causem impressão de estarem fixados, enfim, “domados”. Nesse trabalho, consideramos esse espaço não um mar tranquilo ou um céu de brigadeiro – mas um espaço no qual os sentidos encontram-se antes em disputa que estabelecidos, antes em movimento que estáveis.

É com esse olhar que objetivamos nesse trabalho apresentar uma análise do *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* (doravante DALP) do Padre Carlos Spitzer, publicado pelo também padre Lidvino Santini em 1936, catorze anos após o falecimento de Spitzer, ocorrido em 1922. Em especial importa-nos os sentidos de *analogia* que emergem/deslizam do título da obra e as formas discursivas que este termo toma (o sentido de analogia) nos agrupamentos, bem como a forma que essa obra é categorizada junto as demais de seu tipo. Todavia, mesmo essas categorizações obedecem a um critério tão institucionalizado quanto a ideia de que os sentidos das palavras repousam calmamente nos dicionários, aguardando apenas uma provocação por parte de um sujeito leitor para “reestabilizar” algum sentido que porventura venha se desestabilizando.

¹ Esse texto é parte da qualificação de área do Doutorado Inter-institucional UNEMAT/CAPES/ FAPEMAT/ UNICAMP e teve como orientadora a Profa. Dra. Claudia Pfeiffer

Que podemos dizer então de um dicionário cuja proposta não é a de revelar ao sujeito leitor o sentido de um verbete, mas sim o de fornecer palavras que possam em suas possíveis relações no sistema (Saussure) da língua que permitam a esse mesmo sujeito expressar uma ideia que por um motivo qualquer não venha conseguindo “expressar adequadamente”? É essa a proposta dos dicionários de percurso onomasiológico como o DALP de Spitzer – permitir ao sujeito leitor encontrar um termo que represente uma ideia a partir de um agrupamento de verbetes ligados a essa mesma ideia.

Essa questão aponta claramente para uma diferente perspectiva no percurso dos sentidos oferecido pelo DALP, que difere dos dicionários de língua, mais conhecidos pelo público em geral e cuja representação é devidamente institucionalizada discursivamente pela lexicografia como aquele espaço ao qual recorrem os sujeitos que buscam a resposta à pergunta: *O que significa?*

Nesse aspecto, os dicionários são categorizados pela lexicografia conforme seus objetivos e/ou forma de apresentar os verbetes. Biderman (1989, p. 129), ao tratar de dicionários de língua considera que estes representam uma tentativa de descrição do léxico de uma língua. A autora aponta para a existência de diversos tipos de dicionários monolíngues: os dicionários de língua, os ideológicos, temáticos ou especializados, os dicionários históricos, os etimológicos e os terminológicos, estes últimos voltados para uma área específica do conhecimento.

Biderman (1989) classifica os diversos tipos existentes com base em dois aspectos: sua macroestrutura ou nomenclatura, representada pela quantidade de palavras-entrada que o dicionário contém, e sua microestrutura, representada pelo modo como as unidades léxicas constituirão cada uma das entradas. A macroestrutura do dicionário marcará então a sua configuração e, conseqüentemente, o público alvo.

Biderman (1989, p. 129-130) considera ainda a existência de quatro modelos: o dicionário padrão, com uma nomenclatura entre 50.000 e 70.000 verbetes (entradas); o dicionário-escolar, com aproximadamente 25.000 entradas; o dicionário infantil destinado ao público da faixa etária que vai dos 7 aos 10 anos, com uma nomenclatura de 10.000 entradas; e o dicionário infantil destinado aos usuários com menos de 7 anos.

O que se pode notar é que a cada tipo de dicionário estão ligados elementos, que vão desde o objetivo – para que área se destina? Qual o público alvo? Onde deverá ser usado? – até sua relação com a época da publicação. Isquierdo (1989, p. 89), ao trabalhar o campo lexical da seringa, trata dessas relações entre o léxico e os elementos extralinguísticos:

partindo-se do princípio de que investigar a língua é investigar também a cultura, o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena-se e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo do léxico regional pode fornecer ao estudioso dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo.

Câmara Jr. (1998, p. 96) define o dicionário como *qualquer registro metódico de formas linguísticas ou dições, devidamente explicadas*, classificando-os em dicionários gerais, cuja proposta é trabalhar com todos os vocabulários da língua e os dicionários especiais, com um conteúdo mais específico (dicionários técnicos, dicionários de regionalismos, gírias, etimológicos, etc.).

Câmara Jr. traz ainda a referência aos dicionários analógicos que, diferentemente dos dicionários de língua nos quais os vocábulos são organizados em ordem alfabética, obedecendo *a uma orientação semântica, agrupando as palavras pela analogia de suas significações* (idem, ibidem). Pertence a esse grupo o “Dicionário Analógico da Língua Portuguesa” do Padre Carlos Spitzer, tipo de dicionário que também é classificado no Dicionário Houaiss como *dicionário de ideias afins* e ainda *dicionário ideológico*.

Observando essas classificações, percebemos que o dicionário emerge na lexicografia como um instrumento de fixação e manutenção dos sentidos e formas nele produzidos. Nesse sentido, a dicionarização de um termo num dicionário de língua, pode representar o aceite deste termo como “de uso” da língua, mesmo quando pertencente a grupos relacionados a divisões internas do dicionário, como o dos “estrangeirismos”, o dos termos considerados “chulos”, etc., haja vista que a referida dicionarização de um termo “a” ou “b” representaria também, em alguma instância, seu aceite e/ou estabilização no corpo da língua. Silva (1996, p. 151), ao discutir essa visão estabilizada/institucionalizada dos dicionários diz,

Eu conheço um bom lugar onde o bom é distinto do ruim; as palavras são transparentes; o sentido é correto, preciso, objetivo. Não há que interpretar, nem do que duvidar. As palavras referem-se, sempre, a uma única e mesma coisa, todas as vezes que lá vamos buscar informações e tirar dúvidas: um mundo construído pela ciência da linguagem com a própria linguagem.

Um olhar diferenciado para a questão do dicionário e, principalmente um olhar sobre o papel deste enquanto instrumento linguístico de uma dada língua é posto por Auroux (2009, p. 65-71) que, falando do espaço constituído pela História das Ideias Linguísticas, conceitua a *gramatização* como o *processo que conduz a descrever e a interpretar uma língua na base de duas tecnologias (...): a gramática e o dicionário* e concebe essas duas tecnologias como instrumentos linguísticos que permitem o acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor.

Ainda acerca do dicionário, Auroux (op. cit, p. 72) afirma que o mesmo não surge na forma como o entendemos atualmente, apesar de apontar a lexicografia como anterior a gramática. Auroux (op. cit.) diz que surgiram inicialmente na forma de: a) Listas temáticas, cujo foco eram os vocábulos de uma determinada profissão ou aspecto da realidade. Passavam de língua para língua. b) Listas de palavras em uma determinada língua, que tinham por função a explicação ou substituição de termos mais antigos e difíceis por termos correntes do léxico. c) Glossários independentes, alfabéticos mono-, bi- ou n- língues. Presentes desde a Idade Média, são os precursores dos modernos dicionários monolíngues.

Seguindo a mesma trilha, Orlandi (2002, p. 105) afirma que essa forma de ver o dicionário e a gramática, como instrumentos linguísticos, permite *mais um modo de acesso às maneiras como se constrói o imaginário da língua para aquele que fala*. Orlandi (2002, p 104) inscreve seu estudo na lexicografia discursiva, que não aborda o dicionário por sua função institucionalizada, demarcada pela lexicografia. A lexicografia discursiva trata do “*funcionamento do dicionário na relação com o sujeito com a língua, incluindo sua relação com a memória discursiva*” (idem, ibidem), tomando assim o dicionário como discursos.

Ora, essa postura teórica perante os dicionários implica num aceitar dos postulados da análise do discurso de viés materialista, na qual *procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e sua história* (ORLANDI, 1999, p. 15).

Pêcheux (op. cit, p. 82) define o discurso como *efeito de sentidos* entre sujeitos que ocupam *lugares determinados na estrutura de uma formação social*. Pêcheux afirma ainda que as condições de produção do discurso atuam diretamente no processo de construção desse efeito de sentidos. *Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas* (op. cit., p. 77).

Nunes (2006, p. 18) ao tomar o dicionário como discurso traça um percurso tomando o conceito de discurso de Pêcheux, no qual a relação entre locutores se dá pela presença de várias posições sociais,

representando os agentes que interferem na produção dos dicionários. Em outro aspecto, ao tomar o discurso como uma *prática* Nunes (op. cit.) afirma que *o dicionário é produto de práticas exercidas em determinadas conjunturas*, o que torna necessário abordar suas condições de produção. Para esse autor, *estudar o dicionário é analisar a “posição sujeito” dos lexicógrafos em determinadas conjunturas, incluindo-se aí as diversas formas de “autoria” do discurso lexicográfico.* (op. cit. p. 19).

Como afirma Orlandi (1999, p. 30), as condições de produção do discurso abarcam os sujeitos e a situação, bem como a memória. Essas condições de produção do discurso são dadas em duas instâncias: num contexto imediato composto pelas circunstâncias da enunciação e num contexto mais amplo do qual fazem parte o contexto sócio histórico, ideológico.

Orlandi (op. cit.) destaca o papel da memória discursiva (tomada como interdiscurso) em relação às condições de produção do discurso. *O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.* (Orlandi, 1999, p. 31).

Orlandi (2002, p. 104), ao analisar a posição do sujeito autor de dicionário, numa *relação do saber metalingüístico de uma sociedade com a história*, na qual o dicionário é tido como *uma tecnologia própria à configuração de relações sociais específicas e entre seus sujeitos, na história.*

Nunes (2006, p. 20), ao articular a questão das condições de produção do discurso aos dicionários e retomando o conceito de formações imaginárias de Pêcheux (1997) traz como elemento ligado ao contexto imediato de produção do discurso aquele ligado a *apresentação do dicionário a seus leitores em determinadas situações* (NUNES, 2006, p. 20). Nesse sentido esse autor considera importantes os prefácios haja vista trazerem *a voz do lexicógrafo num dado contexto*. Num contexto mais amplo, há que se observar a conjuntura histórica e ideológica em que a produção do dicionário se insere.

Nunes (op. cit, p. 50), partindo do espaço da lexicografia discursiva, situa o surgimento da lexicografia brasileira no período da exploração e colonização do novo mundo, num processo no qual a dicionarização ocorre de forma diferente àquela ocorrida no continente europeu. Enquanto na Europa o processo de gramatização está focado na formação da língua nacional, a dicionarização no Brasil tem seu foco voltado à colonização permanecendo nesse contexto por três séculos, tendo os estudos sobre o português no Brasil iniciando-se apenas no Séc. XVIII, na confluência entre o momento histórico da Independência do Brasil e do movimento romântico. Nunes (op. cit, p. 51) destaca ainda os reflexos

desse contexto e dos caminhos da gramatização nesse período. A presença dos elementos indígenas e africanos no português falado no Brasil serviu de base para a reivindicação de uma língua nacional.

Assim, os primeiros dicionários que surgem no Brasil, nos séculos XVI e XVII sob a responsabilidade dos jesuítas, são dicionários bilíngues português tupi. Já no que concerne aos dicionários monolíngues, o destaque é dado ao dicionário de Moraes de 1789, que, “apesar de ter sido elaborado em Portugal, o autor é um brasileiro” (NUNES, 2006, p. 51). As reedições desse dicionário chegarão ao século XIX. Outro fato representativo desse período é que os dicionários bilíngues deixam de ser editados pelos jesuítas passando sua edição ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Biblioteca Nacional. Outros tipos de dicionário como os de regionalismos, brasileirismos, de complemento aos dicionários portugueses e os de termos técnicos surgirão na segunda metade do século XIX.

DICIONÁRIOS ANALÓGICOS E DICIONÁRIOS IDEOLÓGICOS: SURGIMENTO E ESTRUTURA

É no ano de 1852 que surge na Inglaterra o *Thesaurus of words and phrases: classified and arranged so as to facilitate the Expression of Ideas and assist in Literary Composition* de Peter Mark Roget. Traduzido para várias línguas, é na adaptação francesa da obra feita por Robertson², em 1859 (cf. BABINI, 2008, p. 2) que surge o termo “ideológico” para referenciar esse tipo de dicionário. Em 1862 é publicado na França o primeiro dicionário analógico, o *Dictionnaire analogique de la langue française: répertoire complet des mots par les idées, des idées par les mots* de Prudence Boissière. Em comum, esses dicionários possuem o fato de que, diferentemente dos dicionários de língua geral, nos quais as entradas dos verbetes são feitas em ordem alfabética, tanto no *thesaurus* de Roget quando no dicionário analógico de Boissière os verbetes são agrupados em torno de uma idéia a partir da qual encontra-se a palavra buscada, num percurso onomasiológico, conceito que trataremos adiante.

Em língua portuguesa vamos encontrar as primeiras publicações de dicionários analógicos em 1936, com o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* de Carlos Spitzer e em 1948 o *Dicionário*

² ROBERTSON, T. *Dictionnaire idéologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de La langue française classes selon l'ordre des idées*. Paris: A. Derache, 1859.



EDIÇÃO Nº 16 AGOSTO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2015

Geral e analógico da Língua Portuguesa de Artur Bivar (cf. VERDELHO, 2010). É o dicionário de Spitzer que nos interessa neste trabalho.

Essencialmente, a distinção entre dicionário ideológico e analógico se dá pelo fato de o primeiro tipo apresentar um “plano de classificação de ideias” (figura 1) estruturado em classes, divisões e seções, enquanto o segundo tipo não possui o referido plano. Segundo Quemada (*apud* BABINI, 2008, p. 67) a estrutura semelhante a do *Thesaurus* de Roget, com a presença do plano de classificação de ideias, determinará a classificação do dicionário como ideológico, enquanto uma estrutura semelhante a do dicionário de Boissière o classificará como analógico.

xxx

PLAN OF CLASSIFICATION.

	Section.	Nos.
Class. I. ABSTRACT RELATIONS	I. EXISTENCE . . .	1 to 8
	II. RELATION . . .	9—24
	III. QUANTITY . . .	25—57
	IV. ORDER . . .	58—83
	V. NUMBER . . .	84—105
	VI. TIME . . .	106—139
	VII. CHANGE . . .	140—152
	VIII. CAUSATION . . .	153—170
II. SPACE.....	I. GENERALLY . . .	180—191
	II. DIMENSIONS . . .	192—239
	III. FORM . . .	240—263
	IV. MOTION . . .	264—315
III. MATTER.....	I. GENERALLY . . .	316—320
	II. INORGANIC . . .	321—356
	III. ORGANIC. . .	357—449
IV. INTELLECT.....	Division.	
	(I.) FORMATION OF IDEAS . . .	450—515
V. VOLITION.....	(II.) COMMUNICATION OF IDEAS . . .	516—599
	(I.) INDIVIDUAL . . .	600—736
VI. AFFECTIONS.....	(II.) INTERSOCIAL . . .	737—819
	Section.	
	I. GENERALLY . . .	820—826
	II. PERSONAL . . .	827—887
	III. SYMPATHETIC . . .	888—921
IV. MORAL . . .	922—975	
	V. RELIGIOUS . . .	976—1000

Ilustração 1: Página Inicial do plano de classificação do *Thesaurus of words and phrases* de Roget

Entretanto, como bem apontou Babini (2006, 2008), as estruturas de ambos são bastante semelhantes, ao ponto de ambos serem tratados como dicionários ideológicos, como percebemos ao constatar a presença do plano de classificação de idéias no Dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Carlos Spitzer³ (1956).

Babini (2008) ao apresentar um estudo sobre os dicionários onomasiológicos observa que a estrutura desses dicionários revela também o percurso de formação dos sentidos. Partindo do “modelo de descrição do percurso gerativo da enunciação” (op. cit. p. 39) proposto por Bernard Pottier⁴ apresenta dois percursos correspondentes a duas diferentes estruturas de dicionários: um percurso semasiológico (do interpretante), no qual o enunciador *parte do discurso realizado (texto oral ou escrito) para chegar à compreensão* (id, ib) e um percurso onomasiológico (do enunciador) *que vai da intenção de dizer ao enunciado* (id.).

Pottier considera a língua como um *saber* por meio do qual se realizam: 1) a transformação das representações mentais em signos e em esquemas (no caso do percurso do enunciador – onomasiológico); 2) a *interpretação* (no caso do percurso do interpretante – semasiológico). (BABINI, 2008, p. 39)

Nessa abordagem, o percurso semasiológico corresponderia aos dicionários de língua em geral, enquanto que o percurso onomasiológico estaria ligado a diversos tipos de dicionários específicos, dentre eles os dicionários analógicos e ideológicos, ou seja, tanto os dicionários ideológicos quanto os analógicos possuiriam uma mesma característica que é a de passar da ideia a palavra.

Como dissemos anteriormente, a ordem de entrada dos verbetes nos dicionários analógicos e ideológicos não se dá por ordem alfabética, mas sim pela aglutinação em torno de um verbete que representa uma “ideia”⁵ ou através do qual está ligado por analogia. Seu objetivo declarado não é o de explicar o significado das palavras, mas de classificá-las e organizá-las de acordo com os sentidos em que são utilizadas cujo significado presume-se que o leitor conheça (ROGET, 1906, *Introduction*, p. xxii).

3 Babini (2006) mostra a semelhança existente entre as macroestruturas do *Thesaurus* de Roget e semelhança estrutural “algumas diferenças garantem ao dicionário de Spitzer um certo grau de originalidade.”

4 POTTIER, B. *Sémantique générale*. Paris: PUF, 1992, *apud* Babini, 2008.

5 Conforme Babini (2008, p. 38) “No âmbito das obras lexicográficas, o adjetivo *ideológico* é freqüentemente empregado como sinônimo de *onomasiológico*. É importante ressaltar que sua origem está ligada a “conjunto de idéias” e os *dicionários ideológicos* seriam, de acordo com a intenção original, *dicionários organizados em função das idéias*, e não dicionários com cunho ideológico (no sentido de valores morais ou sociais), como o termo poderia sugerir.”

⁶ Tomando como exemplo o termo *speech* no *Thesaurus* percebemos a seguinte sequência no plano de classificação⁷:

PLANO DE CLASSIFICAÇÃO

CLASS

		Division.	
IV. INTELLECT.....	{	(I.) FORMATION OF IDEAS	450—515
		(II.) COMMUNICATION OF IDEAS . . .	516—599
V. VOLITION.....	{	(I.) INDIVIDUAL . . .	600—736
		(II.) INTERSOCIAL . . .	737—819

2°. Conventional Means.	1. Language generally	564. Nomenclature.	565. Misnomer.	
		566. Phrase.		
		567. Grammar.	568. Solecism.	
	2. Spoken Language	3. Written Language	<i>Qualities of Style.</i>	
			569. Style.	
			570. Perspicuity.	571. Obscurity.
			572. Conciseness.	573. Diffuseness.
			574. Vigour.	575. Feebleness.
			576. Plainness.	577. Ornament.
			578. Elegance.	579. Inelegance.
			580. Voice.	581. Aphony.
			582. Speech.	583. Stammering.
			584. Loquacity.	585. Taciturnity.
			586. Allocution.	587. Response.
			588. Interlocution.	589. Soliloquy.
590. Writing.	591. Printing.			
592. Correspondence.	593. Book.			
594. Description.				
595. Dissertation.				
596. Compendium.				
597. Poetry.	598. Prose.			
599. The Drama.				

⁶ *The purpose of this Work, it must be borne in mind, is, not to explain the signification of words, but simply to classify and arrange them according to the sense in which they are now used, and which I presume to be already known to the reader.*

⁷ O Dicionário Analógico do Português de Carlos Spitzer segue um modelo idêntico.

xxxviii SYNOPSIS OF CATEGORIES.

Division (II.). COMMUNICATION OF IDEAS.

I. NATURE OF IDEAS COMMUNICATED....	}	516. Meaning.	517. Unmeaningness.		
		518. Intelligibility.	519. Unintelligibility.		
		520. Equivocalness.			
		521. Metaphor.			
		522. Interpretation.	523. Misinterpretation.		
		524. Interpreter.			
		525. Manifestation.	526. Latency.		
		527. Information.	528. Concealment.		
		529. Disclosure.	530. Ambush.		
		531. Publication.			
II. MODES OF COMMUNICATION.....	}	532. News.	533. Secret.		
		534. Messenger.			
		535. Affirmation.	536. Negation.		
		537. Teaching.	538. Misteaching.		
		540. Teacher.	539. Learning.		
			541. Learner.		
		543. Veracity.	542. School.		
			544. Falsehood.		
			545. Deception.		
		547. Dupe.	546. Untruth.		
	548. Deceiver.				
	549. Exaggeration.				
III. MEANS OF COMMUNICATION.					
1°. <i>Natural Means...</i>	}	550. Indication.			
		551. Record.	552. Obliteration.		
		553. Recorder.			
		554. Representation.	555. Misrepresentation.		
		556. Painting.			
		557. Sculpture.			
		558. Engraving.			
		559. Artist.			
		560. Language.			
		561. Letter.			
2°. <i>Conventional Means.</i>	}	562. Word.	563. Neology.		
		564. Nomenclature.	565. Misnomer.		
		566. Phrase.			
		567. Grammar.	568. Solecism.		
		569. Style.			
		<i>Qualities of Style.</i>			
			570. Perspicuity.	571. Obscurity.	
			572. Conciseness.	573. Diffuseness.	
			574. Vigour.	575. Feebleness.	
			576. Plainness.	577. Ornament.	
	578. Elegance.	579. Inelegance.			
3. <i>Written Language</i>	}	580. Voice.	581. Aphony.		
		582. Speech.	583. Stammering.		
		584. Loquacity.	585. Taciturnity.		
		586. Allocution.	587. Response.		
		588. Interlocution.	589. Soliloquy.		
		590. Writing.	591. Printing.		
		592. Correspondence.	593. Book.		
		594. Description.			
		595. Dissertation.			
		596. Compendium.			
597. Poetry.	598. Prose.				
599. The Drama.					

Já a entrada das palavras no dicionário analógico de Boissière segue a seguinte ordenação: o livro é dividido em duas partes. Na primeira as palavras são dispostas em ordem alfabética divididos em



EDIÇÃO Nº 16 AGOSTO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2015

quatro colunas no topo das páginas e a segunda, as palavras são divididas duas colunas na parte inferior da página organizadas por analogia. Podemos observar essa estrutura no exemplo abaixo (*parler*)

<p>aussi <i>juges</i>. Parlementaire, sm. V. <i>mission</i>, <i>guerre</i>. — Parlementaire, a. Parlementarisme, sm. V. <i>parlement</i>, <i>politique</i>.</p>	<p>Parlementer, v. V. <i>mission</i>, <i>parler</i> (*), <i>guerre</i>, <i>résister</i>. PARLER, v. sm. <i>Parlerie</i>, sf. <i>Parleur</i>, sm. 28 (*). V. aussi <i>fréquenter</i>. Parloir, sm. V. <i>chambre</i>,</p>	<p><i>moine</i>, <i>prison</i>. Parme, sf. V. <i>bouquetier</i>. Parmentière, sf. V. <i> légume</i>. Parmesan, sm. V. <i>fromage</i>. Parmi, prép. V. <i>entre</i>.</p>	<p>Parolain, sm. V. <i>gladiateur</i>. Parnasse, sm. <i>Parnassides</i>, sfp. <i>Parnassien</i>, a. 27. V. <i>poésie</i>. Parodie, sf. <i>Parodique</i>, a.</p>
---	--	---	---

1 **Sous-amendement**, amendement proposé sur un autre amendement; — Sous-amender.
Storting, en Norvège.
Surfrage restreint et Suffrage universel.
Tribun; — Tribunal; — Tribune, lieu élevé d'où parlent les orateurs: liberté de la tribune; — puissance Tribunalienne.
Triennal; — Triennalité, durée de trois ans.
Ventrus, députés ministériels, parce qu'ils étaient gorgés de faveurs.
Vérification des pouvoirs; — Vérifier les pouvoirs.
Voix suspensif et Veto absolu.
Voix: aux voix! aller aux voix; mettre aux voix.
Volant; — Vote; — Voter au scrutin secret, par casis et levé, etc. V. *surfrage*.

(*) **PARLER**

(En latin, *loqui*, *locutus*, ou *fabulari*; en grec, *lalein*. Puis en latin, *verbum*, parole; en grec, *logos*.)

1 **Abondance de paroles**; — parler d'Abondance, Improviser; — Abondant en paroles.
Abouchement; — s'Aboucher. V. *ENTREVOIR*.
Action, gestes que fait l'orateur.
3 **Adresser la parole**, s'Adresser à quelqu'un.
Affabilité; — Affable, qui écoute avec bonté quand on lui parle; — Affablement.
Affilée (langue bien), bien pendue.
4 **Alalie**, mutisme, impossibilité de parler.
Allocation, petit discours.
2 **Anonement**; — Anonner, hégayer, hésiter en parlant.
3 **Apostrophe**, paroles adressées à quelqu'un; — Apostropher quelqu'un, lui parler directement.
Articulation; — parole articulée; — Articuler, DIRE, PHONONER.
1 **Babil**, vaines paroles; — Babillage; — Babillard; Babillement; — Babiller, parler beaucoup sans utilité.
1 **Bagou**, paroles vantardes; — Bagouler. *Pop.*
3 **Balbutiement**; — Balbutier, parler avec hésitation, hégayer. V. *PHONONER*.
5 **Baragouin**, langage inintelligible; — Baragouinage, — Baragouiner; — Baragouiner; — Barboter; — Barboteur; — Barbouillage; — Barbotier; — Barbouiller.
4 **Baryphonie**, gêne ou lenteur de prononciation; — Baryphonique.
3 **Bas** (parler), à voix basse, à demi-voix, *sotto voce*.
1 **Bavard**, (qui parle toujours); — Bavardage; — Bavarde; — Bavarder; — Bavarderie; — Bavardise; — tailler une bavette, des bavettes. — Beau dicteur, Beau parleur. — Bec: avoir bon bec; avoir du bec, le bec bien affilé. — Dire sur son Bien-dire ou sur son beau-dire. — Blague, fanfaronnade; — Blaguer; — Blagueur. — Bonbec: Marie Bonbec, ou coquet Bonbec, femme bavarde, *Pop.* — Bordée de paroles, — flux de Bouche; être fort en Bouche. — de
8 Bouche, oralement, de vive voix; — de Bouche en
1 bouche. — avoir du Boutz-hors, parler facilement, avec entrain. — Braillard; — Brailler, crier en parlant; — Brailleur.
1 **Caillitage**; — Cailloter; — Caillotto, femme frivole et bavarde.
1 **Caneau**, rapport qui ne mérite aucune confiance: des caneaux de portière; — Caneauer; — Caneauier et Caneauère.
1 **Caquet**, habit; — Caquetage; — Caqueter; — Caqueterie; — Caqueteur.
7 **Causant**, qui aime à — Causer, s'entretenir familièrement; — Causerie; — Causeur.
Chauter (faire), faire parler celui qui voulait tenir une chose secrète; — Chantonner, parler entre ses dents.

1 **Chapelet**, longue suite de propos.
5 **Charabia**, langage inintelligible.
Chronique scandaleuse. V. *MAÎSE*.
8 **Chuchotement**; — Chuchoter, parler bas; — Chuchoterie; — Chuchoteur et Chuchoteuse.
Circonlocution, périphrase, circuit de paroles.
1 **Claband**; — Clabandage; — Clabander, parler beaucoup, crier sans raison; — Clabauderie; — Clabauder et Clabaudéuse.
1 **Cluquet**: la langue lui va comme un cluquet de moulin, comme un truquet.
Conologue, conversation, consultation.
Colloque, *DIALOGUE*, entretien, *ENTREVOIR*.
Commémoration (faire), tenir des propos sur le compte de quelqu'un, *Pop.*
Commentaires, réflexions, demandes d'explications.
1 **Commérage**, propos de — Commère, femme curieuse et bavarde.
Communicatif, qui aime à dire sa pensée; — peu Communicatif.
3 **Compellatif**, qui sert pour adresser la parole à quelqu'un.
7 **Confabulateur**; — Confabulation, entretien familial; — Confabuler; — Conférence; — Conférer. V. *ENTREVOIR*.
9 **Conservatoire**, école de déclamation, etc.
1 **Contier** (en), en dire long.
7 **Conversation**, entretien familial; — Converser.
Cracher du latin, du grec.
Criailleur, aboyer; — Criar; s'égosiller; V. *CRIR*.
Dé: avoir ou tenir le dé dans la conversation; parler plus que les autres et les faire parler sur le sujet qu'on veut.
1 **Débagouler**, dire vite beaucoup de choses stupides ou grossières; — Débagouleur. — Débit; — Débitier; en Débitor. — Déblatération; — Déblatérer. — se Déblatonner.
9 **Déclamateur**; — Déclamation; — Déclamatoire; Déclamer, prononcer, réciter à haute voix avec un ton et des gestes étudiés.
7 **Déduits** de chasse, d'amour, etc. (*far*).
1 **Défiler son chapelet**, dire tout, en dire long.
1 **Dégoiser**, parler à contre-temps, avec volubilité.
Délier ou **Dénouer la langue**; se Dénouer.
1 **Déparler**: elle ne déparle pas, elle parle sans cesse.
4 **Desserrer**: sans desserrer les dents, sans dire un mot.
7 **Devis**, propos, discours; — Deviser, s'entretenir familièrement.
DIALOGUE, entretien de deux personnes.
Diction, choix et arrangement des mots; manière de dire, de réciter, de prononcer.
Directs, prolixes, opposé à *concis*.
Digression, ce qu'on dit en dehors du sujet.
Direct (style, discours), formé des expressions mêmes qu'on emploie quand on adresse la parole à quelqu'un.
1 **Discoureur**, grand parleur; — faire le beau Discoureur; — Discourir, parler; — Discours, langage; — Discours d'un orateur; — Discoursif, qui se rapporte au discours; — Discursivement.
1 **Discour** (beau, grand). V. *DIR*.
8 **Divagation**; — Divaguer, parler à tort et à travers.
Echanger quelques paroles.
Élévation; — Élever la voix.
Élocution, art d'exprimer sa pensée, choix et arrangement des mots; — Éloquemment; — Éloquence; — Éloquent.
Embouché (bien ou mal). — Empaumer la parole, — Enfilade de paroles. — Engager la conversation, — l'Entamer, la commencer. — s'Entre-parler.
7 **Entretenu** quelqu'un; — s'Entretenu avec lui; — Entretien, — *ENTREVOIR*.
Épanchement; — s'Épancher. V. *CONFIDANCE*.



DICIONÁRIO ANALÓGICO (IDEOLÓGICO?) DA LÍNGUA PORTUGUESA DE CARLOS SPITZER

Abordamos anteriormente o surgimento e a estrutura dos dicionários ideológicos e analógicos, aceitando a distinção entre ambos proposta por Quemada (*apud* BABINI, 2008, p. 67).

O primeiro representante dessa categoria no Brasil foi o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Carlos Spitzer⁸, editado e publicado catorze anos após o falecimento do autor, em 1936⁹ por Lidvino Santini, que além de editar, prefacia a obra, sendo ambos, tanto o autor quanto o editor, padres jesuítas. Isso torna difícil, haja vista não existir quaisquer indicações na apresentação do dicionário nem no breve histórico da vida de Carlos Spitzer¹⁰ que consta na abertura da obra, definir a época em que o mesmo foi escrito, restando apenas a data de publicação da primeira edição.

Todavia o período de formação e depois a vinda de Spitzer ao Brasil insere-se num contexto de expansão e afirmação dos colégios jesuítas no sul do país e seu modelo de ensino, destinado a formar a elite do estado de Santa Catarina. Segundo Dallabrida (2010, p. 3)

Na verdade, em nível estadual, o Ginásio Catarinense respondeu ao desejo de distinção social das elites burguesas, que procuravam se diferenciar do restante da população também por meio de símbolos, entre os quais a escola de nível secundário de seus filhos, que daria acesso seguro aos cursos superiores. E, certamente, um colégio dirigido por padres alemães satisfazia “o desejo de ser estrangeiros” que as elites catarinenses perseguiram no início do século XX.

É esse mesmo contexto que vai encontrar o já Padre Jesuíta Carlos Spitzer no Ginásio Anchieta de Porto Alegre: um espaço voltado à formação das elites dirigentes da região, de competição com os grandes centros que representavam a elite do país, especialmente o Rio de Janeiro, de uma aproximação com o pensamento europeu como modelo a ser seguido.

8 SPITZER, Carlos. SANTINI, Lidvino (editor). *Diccionario Analógico*: thesouro de vocabulos e phrases da lingua portugueza. 1ª edição. Pôrto Alegre: Livr. do Globo, Barcellos, Bertaso, 1936.

9 As edições utilizadas para análise foram a 1ª (1936) e a 5ª edição (1966).

10 Carlos Spitzer nasceu na Alemanha no ano de 1883, tendo vindo ao Brasil com a família aos 5 anos de idade. Em 1906 vai a Portugal onde faz os dois primeiros anos de noviciado na Companhia de Jesus e posteriormente estuda Filosofia no Colégio de S. Inácio na Holanda. Retorna ao Brasil em 1911 e passa a ministrar aulas no Ginásio Catarinense de Florianópolis. É ordenado sacerdote em 1918 e em 1921 assume a função de lente catedrático no Ginásio Anchieta de Porto Alegre, posição em que permanece até 1922 quando vem a falecer.

DA CONSTITUIÇÃO ESTRUTURAL DO *DICIONÁRIO ANALÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA*: TESOURO DE VOCÁBULOS E FRASES DA LÍNGUA PORTUGUESA (DALP) COMO DICIONÁRIO IDEOLÓGICO.

Como apontado anteriormente e concordando com Babini (2008), o DALP de Spitzer, apesar do “analógico” contido no título e que traria à tona o modelo criado por Boissière, tem uma estrutura semelhante à do *Thesaurus* de Roget, ou seja, possui um plano de classificação de idéias, o que o incluiria no rol dos dicionários ideológicos. Por mais que aceitemos que em vários casos esses termos tenham sido tratados como sinônimos, no caso do presente dicionário, na *Idéia Geral*, texto que funciona como uma apresentação à obra, escrita pelo editor, fica bem marcada a diferença entre esses dois modelos de dicionário, no subtítulo *O Título da Obra*. Nele, Santini (in SPITZER, 1956, p. 8) deixa explícita a existência de diferenças entre esses dois modelos de dicionários: *O título, sob o qual se apresenta a obra, somente se justifica em parte: o subtítulo é que dá perfeitamente a ideia geral do trabalho*. Nesse sentido encontramos na primeira edição da obra uma nota de rodapé escrita pelo Editor apontando para uma possível ligação entre a obra de Spitzer e a de Roget, nota essa que, vale ressaltar, não aparece nas edições subsequentes, *muito deve ter facilitado ao auctor, na composição do “Diccionario Analogico da lingua Portugueza” o modelo inglez: “Thesaurus of English Words and Phrases” de Peter Mark Roget, M. D., F.R.S*” (SANTINI, in SPITZER, 1932, p. 8)

Esses elementos e a presença do Plano de Classificação na parte inicial atestam a filiação da obra de Spitzer ao modelo preconizado por Roget. Dissolve-se, partindo do subtítulo *Tesouro de Vocábulos e Frases da Língua Portuguesa*, um pouco da confusão causada pelo título e revela-se marcada não só a diferença entre os dois modelos bem como o conhecimento dessa diferença pelo editor. Todavia, a relação entre título e subtítulo apresenta-se contraditória com os conceitos de analogia e ideologia presentes na apresentação da obra, haja vista, segundo Santini, a analogia apresentar-se como um dos aspectos da ligação ideológica, juntamente com a sinonímia e a antonímia.

Tomando-se o período em que Spitzer retorna ao Brasil (1911), passa a ministrar aulas no Colégio Catarinense se Florianópolis, para em seguida ser ordenado sacerdote (1918) e posteriormente (1921-22) atuado como lente catedrático no Ginásio Anchieta de Porto Alegre como o período de produção acadêmica (lexicográfica) de Spitzer, percebemos que as condições de produção e circulação de discursos que tornava “incômodos” termos como *ideologia* e *ideológico*. Esse período coincide com

a fase pré revolução e a efetiva ocorrência da Revolução Russa. Não se pode deixar de lado o fato de que Spitzer, até 1911 vivera na Holanda onde cursou Filosofia. Assim, quaisquer termos que pudessem permitir uma ligação com os sentidos de “ideologia” enquanto “modo de pensamento político”, poderiam inserir o DALP numa ordem do discurso diferente daquela preconizada ou desejada pela Igreja. Não que os sentidos de ideologia estivessem estritamente ligados ao pensamento de esquerda na época, mas sim ligados à ideias políticas¹¹. Assim, a nomeação do dicionário como analógico permitiria um distanciamento “seguro” dessa questão, porque não dizer um silenciamento (ORLANDI, 1997) do político, ao mesmo tempo que o subtítulo *Tesouro de vocábulos e Frases da Língua Portuguesa* garantiria a filiação ao modelo do *Thesaurus* de Roget, cuja proximidade é inequívoca.

OS SENTIDOS DE ANALOGIA NO DICIONÁRIO ANALÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA DE CARLOS SPITZER

Como dissemos anteriormente, tomar o dicionário como discurso é fugir de um mar de tranquilidade. É questionar a existência de um espaço histórico cercado de certeza: o espaço da fixação de sentidos. Sendo assim, dentro de nossa proposta, a metodologia adotada será a seleção de grupamentos do dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Carlos Spitzer relacionados como analógicos, tomá-los como enunciados e verificar a qual formação discursiva os sentidos estão “direcionados” e enfim, analisar o que, segundo Nunes (2006), é o objetivo do estudo do dicionário sob a ótica aqui proposta: analisar a “posição sujeito” dos lexicógrafos em determinadas conjunturas, no caso do sujeito lexicógrafo do Dicionário de Analogias do Português.

O termo *analogia* possui seus sentidos ligados a diversos campos do saber humano: desde a filosofia, passando pela biologia, direito até chegar na linguística, o termo acaba sempre vinculado com a ideia de semelhança, aproximação. Especialmente na linguística, os gregos antigos do séc II a.C. debatiam a importância das regularidades dos fenômenos linguísticos. Para esses estudiosos (analogistas) a língua era regular¹², e para comprovar essa regularidade, buscavam estabelecer modelos (paradigmas) para classificar as palavras. Santini (1936, p. 08), prefaciando o dicionário de Spitzer

11 A título de exemplo, numa notícia publicada em 06 de junho de 1920, o New York Times trazia: *On the contrary, the influences that had made for Lenin's and Krassin's victory abroad are far from being communistic, either in their sympathies or their ideology* (grifo nosso). *And the Bolshevik leaders know this better than any one else.*

12 Em contraponto aos anomalistas, para quem a língua era irregular. (DUBOIS, 2006, p. 53)

estabelece para este um conceito de *analogia* que não foge da ideia de semelhança. Santini, ao reforçar uma maior semelhança estrutural do dicionário de Spitzer com os dicionários ideológicos acaba por diferenciar o conceito de *ideologia* (no qual os verbetes se ligariam pelas ideias, fosse pela aproximação dos sentidos, fosse por seu distanciamento), do conceito de *analogia - as que tem ponto de semelhança entre si* (1936, p. 8). Dessa forma, a analogia na obra em questão é apenas parte do conjunto de elementos (analogia, sinonímia e antonímia), que comporia, uma ligação ideológica.

A questão que colocamos é a de que essa “semelhança” não é posta de forma inequívoca. Entendemos que ela parte de uma interpretação do sujeito lexicógrafo em função da posição que ocupa ao realizar esses agrupamentos. Como exemplo temos os agrupamentos dados pelos *sete pecados capitais* e pelas *sete virtudes*, ligados ao conjunto de discursos enunciados a partir de um lugar sujeito ligado aos discursos da Igreja Católica. (Ver distribuição no anexo I)

Uma primeira observação que se faz é a de que o *Plano de Classificação de Ideias*, ao menos em tese, deve ou deveria abarcar todo o universo do pensamento humano, no que tange ao uso da linguagem, das relações que se faz entre as palavras e seu peso ou valor, se evocarmos Saussure, no todo do sistema.

Assim o autor do dicionário ao estabelecer¹³ um “Plano de Ideias” e agrupar as palavras em torno dos eixos nele existentes (Classe, divisão de classe, seção) acaba por delimitar o funcionamento dessas palavras no próprio sistema da língua, atribuindo-lhes valores e equivalências em relação às demais palavras.

Os verbetes selecionados para esta análise foram os termos que definem os sete pecados capitais e as sete virtudes, correntes no discurso da Igreja Católica. Os pecados capitais são definidos pela igreja como “pecados mortais” cujo perdão depende expressamente do sacramento da confissão. A cada pecado mortal corresponde uma virtude que o contrapõe.

Ora, tomando o discurso religioso como referência e ponto de partida o percebemos que, tomados enquanto pecados (e há a referência aos sete pecados capitais no dicionário) os sete pecados capitais surgem “espalhados” nos diversos campos da vida e da atuação humana, justificando sua própria existência enquanto norma a ser seguida e enquanto regulador das ações humanas.

13 Não vamos aqui entrar no mérito da autoria do “Plano de ideias” – Entendemos que Babini (2006, 2008) contemplou com clareza essa questão.

Todavia, as referências em questão, não surgem nas sequências ligadas ao pensamento religioso, ou seja, teoricamente desvinculam-se do discurso religioso, provocando um efeito de sentido (Pêcheux) de obrigações de ordem moral (exemplo) ligadas à natureza das coisas e ou a questões afetivas, de forma que, estabelecidas as relações, sejam estas abstratas ou não, há um efeito de distanciamento do discurso religioso e de aproximação ao discurso científico (as relações apontadas no dicionário analógico do português são feitas por Carlos Spitzer dentro de um rigor que permitiria distanciar o cientista do religioso). (V. SANTINI, 1936).

O mesmo pode ser dito quando observada a distribuição dos verbetes relacionados com as sete virtudes – distribuídos pelos diversos campos do Plano de Ideias do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa acabam por vincular-se aos diversos campos de ação humana (tomados enquanto campos de relações de ideias possíveis ao ser humano). Assim uma virtude cristã surge também como componente discursivo de um código moral, científico ou como elemento ligado a própria natureza do homem.

O lexicógrafo surge enquanto cientista (V. SANTINI, 1936, p. 8) num universo discursivo em que a diferenciação entre a religião e a ciência surge dentro de um discurso que toma a ciência como exata (comprovável, mensurável, baseada em fatos) em contraponto com a religiosidade, pautada na fé (que se justifica em si mesma, inquestionável, baseada em postulados e dogmas.). Nem poderia ser diferente, num espaço em que os agrupamentos analógicos e/ou ideológicos não pode apresentar ao leitor “nenhuma dúvida” quanto a sua exatidão – nesse sentido, o dicionário é um espaço onde a língua se revela.

Todavia ao deslocar-se do discurso religioso ao discurso científico, o sujeito lexicógrafo acaba por perder-se em sua própria ilusão de neutralidade científica e de origem de seu dizer. Ao “distribuir” os pecados mortais e as sete virtudes cristãs a todos os campos do pensamento humano, acaba criando um efeito de sentido no qual o divino (enquanto discurso religioso) emerge em meio aos demais discursos provocando um efeito de sentidos discursivo no qual as ideias da Igreja estão tão intimamente ligadas as demais ideias que permeiam o universo humano que acabam por tornar-se “inquestionáveis”, seja por sua relação com o divino, pela qual está ligada a por um sistema do qual emergem discursivamente sentidos ligados a castigos (pecados) e recompensas (promessa de redenção), ou ainda, por uma ligação discursiva com o discurso científico, posto na figura do lexicógrafo e da obra,

Um breve exame do *Plano de Classificação*, posto a portada do *Dicionário*, nos demonstra o valor indiscutível de sua utilidade e, sobretudo, o plano altamente científico a que obedeceu em sua elaboração (...) Estudado e compreendido o exposto, não há quem não se convença de que o *Dicionário* é obra altamente científica. (SANTINI, 1936, p. 07)

Dessa forma o discurso científico surge no dicionário como elemento que irá justificar o discurso religioso, trazendo a este um efeito de sentido de exatidão e de verdade comprovável e comprovada pela ciência. Esse efeito de exatidão e de verdade acaba por juntar-se à representação de completude e totalidade da língua que, no dizer de Orlandi (2006, p. 103), *consideramos que o dicionário assegura em nosso imaginário, a unidade da língua e sua representabilidade: supõe-se que o dicionário contenha (todas) as palavras da língua*. No caso do DALP essa representabilidade se expande, uma vez que, além da presença das palavras e da ideia de unidade da língua, os agrupamentos “ideológicos” ou “analógicos” também são afetados pela mesma (representabilidade), sendo tomados dentro de um efeito de estabilidade da língua e como efetivos, num processo em que o termo *x* é ideologicamente ligado ao termo *y*, ou seja, essas ligações surgem como estabilizadas podendo os termos se substituírem no sistema da língua.

Assim, a aproximação entre o discurso científico e o discurso religioso presente em especial nos agrupamentos dos termos analisados surge como estabilizada e acaba por marcar discursivamente a não só a presença da Igreja nos diversos aspectos da vida social, bem como a obrigatoriedade desta presença, haja vista que os pecados capitais só podem ser perdoados perante a confissão e as virtudes somente o são quando reconhecidas pela Igreja.

Há que se pensar que o investimento na formação daqueles que aqui residiam não surge nesse período, mas foi realizado pelos jesuítas desde o período colonial, quando da catequização dos índios dentro de uma política linguística voltada para seus próprios valores. Rodríguez-Alcalá & Nunes, (2008, p. 1) ao discutir os procedimentos de normatização e exemplificação nas descrições das línguas tupi e guarani, realizados pelos jesuítas durante o período colonial no Brasil e no Paraguai, afirmam que

contexto da política linguística dos missionários, que promoviam a adoção das línguas dos índios para a evangelização; era preciso defender o argumento de que tais línguas eram aptas para traduzir as *verdades da fé*, sem que isso significasse uma valorização dos índios e de suas culturas. (Idem, p. 38 – trad. autores)

Nesse sentido, a produção de instrumentos linguísticos como o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, considerando um período em que, a despeito da afirmação constitucional de estado laico existente no país, a educação das elites e futuros dirigentes do sul do país esteve sob a responsabilidade



dos jesuítas, sendo que essa aproximação se revela mais que “adequada” - se revela fundamental à manutenção do espaço político da Igreja Católica, desde sempre ávida por esses espaços de poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. [Trad. Eni P. Orlandi] 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

BABINI, M.. Dicionário analógico do Padre Carlos Spitzer: uma versão do thesaurus de Roget?. *Cadernos de Tradução*, América do Norte, 2, set. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6199/5757>. Acesso em: 02 Jul. 2010.

BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, Junho de 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 Agosto de 2010.

BIDERMAN, Maria Teresa C. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. J. N. Nunes e M. Petter (orgs.). São Paulo, Humanistas, FFLCH/ USP: Pontes, 2002

BOISSIÈRE, P. *Dictionnaire Analogique de la Langue Française*: Répertoire complet des mots par les idées et des idées par les mots. 5 ed. Paris: Aug. Boyer et c^{ie}, libraires-éditeurs, s/d.

CAMARA Jr., J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática referente à língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

DALLABRIDA, N. *Disciplina e devoção: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo05/Coordenada%20por%20Norberto%20Dallabrida/Norberto%20Dallabrida%20-%20Texto.pdf>. Acesso em 17/07/2010.

ISQUERDO, Aparecida. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da escrita. In OLIVEIRA, Ana M. P. P de e ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 1989. pp. 89-98.

NUNES, J. H., RODRIGUES-ALCALÁ, C. Langues Amerindiennes A La Renaissance : Norme Et Exemples Dans Les Descriptions Du Tupi Et Du Guarani. *H.E.L. Histoire, Epistémologie, Langage. Les langues du monde à la Renaissance*. Tomo XXX, Fascículo 2, 2008. Paris :Société d'Histoire et d'épistémologie des sciences du langage / Universisté Paris Diderot / CNRS, pp. 25-70.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2006.



ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *Língua e conhecimento linguístico: Para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). in GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas, Unicamp, 1997b, p. 61-161.

ROGET, P. M. *Thesaurus of english words and phrases: classified and arranged so as to facilitate the expression of ideas and assist in literary composition*. 3 ed. London: Longman's Green and Co., 1906.

SILVA, M. E. B. Dicionário: memória lexical da sociedade. In *Anais do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*. On line. Disponível em <www.filologia.org.br/2000>. Acessado em 08/01/2006.

SILVA, Mariza Vieira da. O dicionário e o processo de identificação do sujeito-analfabeto. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni P. (orgs.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas : Pontes, 1996. p. 151-163.

SPITZER, Carlos. SANTINI, Lidvino (editor). *Diccionario Analógico: tesouro de vocabulos e phrases da lingua portugueza*. 1ª edição. Porto Alegre: Livr. do Globo, 1936.

SPITZER, Carlos. SANTINI, Lidvino (editor). *Diccionario Analógico da Língua Portuguesa: tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa*. 5ª edição. Porto Alegre: Livr. do Globo, 1956.

VERDELHO, Telmo. *Dicionários portugueses, breve história*. Disponível em http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Dicionarios_breve_historia.pdf Acesso em 18/07/2010

ANEXO I

Termos	Classe /divisão		Seção	Número
Irar-se	Relações abstratas		Quantidade	35
Temperança	Relações abstratas		Quantidade	41
Irar-se	Relações abstratas		Ordem	63
Paciência	Relações abstratas		Tempo	84
preguiça	Relações abstratas		Causa	119
Paciência	Relações abstratas		Causa	121
Preguiceiro	Espaço		Dimensões	155
Paciência	Espaço		Moção	201
Preguiça	Espaço		Moção	201
Temperança	Matéria		Orgânica	269
Luxúria	Matéria		Orgânica	273
Gula	Matéria		Orgânica	278
Diligência	Faculdade cognoscitiva	Formação de ideias	Condição anterior a operação de entendimento	324
Humildade	Faculdade cognoscitiva	Formação de ideias	Resultado do raciocínio	350
Generosidade	Faculdade cognoscitiva	Formação de ideias	Extensão do pensamento	363
Diligente	Faculdade volitiva	Vontade individual	Vontade prospectiva	440
Casto	Faculdade volitiva	Vontade individual	Vontade prospectiva	458
Preguiça	Faculdade volitiva	Vontade individual	Vontade em ação	485
Diligente	Faculdade volitiva	Vontade individual	Vontade em ação	485
Caridade	Faculdade volitiva	Vontade intersocial	Em particular	534
Avarento	Faculdade volitiva	Vontade intersocial	Relação comutativa	547
Generosidade	Faculdade volitiva	Vontade intersocial	Relação comutativa	548

Soberba	Faculdade afetiva	Pessoal	618
Humildade	Faculdade afetiva	Pessoal	619
Casto	Faculdade afetiva	simpática	628
Caridade	Faculdade afetiva	simpática	628
Casto	Faculdade afetiva	simpática	631
Generosidade	Faculdade afetiva	simpática	632
Caridade	Faculdade afetiva	simpática	632
Inveja	Faculdade afetiva	simpática	633
Generosidade	Faculdade afetiva	Moral	660
Temperança	Faculdade afetiva	Moral	664
Gula	Faculdade afetiva	Moral	665
Castidade	Faculdade afetiva	Moral	666
Casto	Faculdade afetiva	Moral	666